

OSCAR WILDE

METAS CURRICULARES
Leitura
recomendada
4.º ano

CONTOS ESCOLHIDOS

O Gigante Egoísta, O Príncipe Feliz
e O Amigo Dedicado,
ENTRE OUTROS

Tradução de
Carla Maia de Almeida



 fábula

Índice

Prefácio	7
O Amigo Dedicado	13
O Príncipe Feliz	37
O Menino-Estrela	57
O Gigante Egoísta	87
O Aniversário da Infanta	99
O Foguete Distinto	135

Prefácio

«**U**m clássico é um livro que nunca acaba de dizer o que tem a dizer», afirmou o escritor italiano Italo Calvino em *Porquê Ler os Clássicos?* Os contos de fadas de Oscar Wilde pertencem a esta categoria intemporal, ou não seriam lidos há quase 130 anos e resistido à adaptação para outras linguagens: rádio, ópera, cinema, musicais, teatro, bailado, animação e, naturalmente, os novos suportes digitais. Quando uma obra continua a reinventar-se no tempo, sem envelhecer nem perder sentido na voragem das mudanças culturais, temos arte. Temos um clássico.

Os seis contos presentes neste volume provêm das duas coletâneas publicadas na fase de afirmação literária de Oscar Wilde: *O Príncipe Feliz e Outras Histórias* (1888) e a sua continuação, *Uma Casa de Romãs* (1891), anos que coincidem com a infância dos dois filhos, Cyril

e Vyvyan. São contos para crianças? Sem dúvida. Mas são, na sua essência, contos para todas as idades e para todos os públicos. Quando se junta o poder evocativo e simbólico dos contos de fadas ao talento literário de um escritor como Wilde, o mais provável é que o leitor ative imediatamente o seu ouvido emocional: essa capacidade de nos transformarmos e de nos surpreendermos no ato integral da leitura; seja por uma hora, seja para toda a vida.

Os contos de fadas nem sempre incluem fadas nos seus enredos, mas não podem dispensar a fantasia e o maravilhoso, qualidades que apelam à nossa ligação sensorial ao mundo e interrompem, por algum tempo, a obrigação de sermos lógicos e racionais. É por isso que os contos recorrem à justaposição dos opostos, exagerando propositadamente os traços positivos e negativos das personagens ou realçando-lhes a duplicidade. É assim que o caráter honesto e benevolente do pequeno Hans encontra o seu contraponto no egoísmo narcisista do Moleiro, o suposto amigo que dá o título irónico ao conto *O Amigo Dedicado*; ou que a verdadeira riqueza do Príncipe Feliz se revela depois da conversão do ouro e das pedras preciosas em dádivas terrenas junto de quem mais necessita.

Há outro tema fundamental que atravessa os contos de fadas e conduz a desfechos que, temperados pela ironia e pelo apurado sentido crítico de Oscar Wilde, podem ser imprevisíveis. Falamos do tema da transformação, da metamorfose, da passagem de um estado de consciência a outro patamar superior. Encontramo-lo, claramente, nas histórias *O Menino-Estrela* e *O Gigante Egoísta*, muito relacionado com a noção de sacrifício e de redenção pelo amor incondicional, tão caro à mitologia cristã e aos ideais religiosos com os quais Oscar Wilde sempre manteve uma relação ambivalente. E também, de forma paradoxal, naquele que é o conto mais inquietante desta seleção, *O Aniversário da Infanta*, no qual o esteticismo barroco da linguagem adensa o clima trágico-cômico da ilusão amorosa, levando-a até às últimas consequências de forma particularmente cruel.

* * *

Tal como o Anão que percorre, extasiado, os salões do palácio da Infanta até deparar com o espelho que representa o confronto final, a vida de Oscar Wilde não deixou de refletir a desilusão e a injustiça com que a sociedade castiga os que se aventuram por caminhos fora da norma.

Nascido em Dublin em 16 de outubro de 1854, filho de um médico de província e de uma mulher letrada e algo excêntrica, Wilde nunca escondeu o desejo de privar com a realeza e a aristocracia, cujos tiques e hipocrisia retratou em *O Foguete Distinto*, um conto estranhamente profético. Há vidas assim, que transportam desde a sua origem as consequências de um destino incomum. Peter Funke, biógrafo, sublinha que o nome completo do autor (Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde) mostra «a predileção dos pais pelas origens lendárias da Irlanda», com três nomes inspirados nas sagas heroicas gaélicas. Mas a inteligência e curiosidade insaciáveis de Wilde nunca o autorizariam a tornar-se um nacionalista: «Sou francês de coração, irlandês de origem e condenado pelos ingleses a falar a língua de Shakespeare», confessou num dos seus célebres ditos espirituosos.

Em França acabaria por morrer, exilado, em 30 de novembro de 1900. Fora condenado por um tribunal inglês por homossexualidade, cinco anos antes, num processo judicial que lhe custou o afastamento dos filhos e a perda de todos os bens pessoais. A família teve de mudar de apelido e os seus textos deixaram de circular nos meios literários, jornalísticos e teatrais. Cyril, o filho mais velho, morreu aos 29 anos, na Primeira Guerra Mundial. Vyvyan,

o segundo filho, sobreviveu até aos 80, lembrando nas suas memórias as breves vivências com um pai afetuoso e brincalhão que respeitava a natureza singular da infância, tal como os seus contos de fadas o demonstram.

Oscar Wilde morreu demasiado cedo, com apenas 46 anos. A saúde foi-lhe encurtada pelos anos de encarceramento e pela condenação a trabalhos forçados no cárcere de Reading, cujas condições vergonhosas denunciou corajosamente. As muitas cartas que deixou contam um episódio revelador do seu caráter solidário e compassivo, quando lutou pela libertação de três crianças presas pela caça furtiva ao coelho, um exemplo da miséria e dos maus-tratos impostos pela repressiva sociedade vitoriana. Vale a pena deixar aqui a reflexão que publicou numa carta a um jornal, na sequência desse caso:

«O atual tratamento das crianças é terrível, sobretudo por pessoas que não compreendem a psicologia peculiar da natureza da criança. A criança pode entender um castigo infligido por um indivíduo como um pai ou um educador, mas não consegue entender um castigo imposto pela sociedade. Não consegue perceber o que é a sociedade.»

Num mundo onde as crianças já não têm só medo do escuro, de aranhas ou de fantasmas, mas passaram também a recear a guerra e os ataques terroristas, estas palavras são de uma profunda atualidade. Estamos todos — e não só as crianças — com dificuldade em «perceber o que é a sociedade». Ler estes contos talvez ajude os leitores mais jovens a compreender valores essenciais que os adultos não sabem ou não têm tempo para explicar. Valores como a amizade, a solidariedade, a coragem, a justiça e a bondade. Depois há o lado lúdico da leitura que nos remete para o humor inimitável de Wilde — e que nos recorda que os grandes leitores raramente são pessoas aborrecidas. Mais: que podem tornar-se grandes contadores de histórias. Para ajudar uma criança a não ser um adulto aborrecido, é importante dar-lhe bons livros a ler e encorajá-la a contar histórias que tragam significado para si e para os outros. Não é uma receita, é um projeto de vida. Plenos de sabedoria e graça, os contos de Oscar Wilde são indispensáveis na construção desse projeto.

Carla Maia de Almeida

O Amigo
Dedicado

Certa manhã, a velha Ratazana pôs a cabeça fora da toca. Tinha uns olhos brilhantes e manhosos, e uma longa cauda preta que fazia lembrar um pedaço de borracha. Os patinhos nadavam à volta do lago, como um bando de canários amarelos; e a mãe deles, que era branquíssima e com as patas de um vermelho-vivo, tentava ensiná-los a flutuar de cabeça erguida.

— Vocês nunca serão aceites na sociedade se não andarem de cabeça erguida — continuava a explicar e, de vez em quando, mostrava-lhes como deviam fazer.

Mas os patinhos não lhe prestavam atenção. Eram tão pequenos que não percebiam as vantagens de pertencer à sociedade.

— Que crianças desobedientes! — criticou a Ratazana. — Não há dúvida de que merecem mesmo morrer afogadas.

— Isso é que nunca! — contestou a Pata. — Todos têm direito ao seu começo, e a paciência dos pais nunca é em demasia.

— Ah! Não percebo nada de sentimentos paternais — vociferou logo a Ratazana. — Não sou uma criatura de família. Para dizer a verdade, nunca me casei e nem faço qualquer tenção de o fazer. O amor pode ser muito bonito, mas a amizade é algo muito superior. Não conheço nada mais nobre nem mais raro do que um amigo dedicado.

— E, no teu entender, quais são as obrigações de um amigo dedicado? — perguntou um Pintarroxo verde que se encontrava ali perto, pousado num salgueiro, e que tinha escutado a conversa.

— Sim, é mesmo isso que eu quero saber — disse a Pata, nadando até ao outro extremo do lago e flutuando de cabeça erguida, para assim dar aos filhotes um bom exemplo.

— Que pergunta tão pateta! — exclamou a Ratazana. — Logicamente, estou à espera de que o meu amigo dedicado se dedique a mim!

— E que tencionas tu dar-lhe em troca? — perguntou o Pintarroxo, agitando as asas minúsculas e levantando um arco de salpicos prateados.

— Não percebo o que queres dizer — respondeu a Ratazana.

— Deixa-me contar-te uma história que vem mesmo a propósito — disse o Pintarroxo.

— É uma história sobre mim? Se for o caso, sou todo ouvidos, pois adoro ficção.

— É uma história que se aplica a ti.

E, ao dizer isto, o Pintarroxo voou para a margem e começou a contar a história d'*O Amigo Dedicado*.

— Era uma vez um homem simples e honesto, a quem chamavam o pequeno Hans...

— Era uma pessoa distinta? — interrompeu a Ratazana.

— Não... Não me parece que se distinguisse por nada em especial, a não ser pelo seu coração generoso e pela cara redonda e bem-humorada. Vivia sozinho numa pequena cabana e trabalhava no jardim todos os dias. Naquela região campestre não havia um único jardim mais bonito do que o dele. Ali cresciam Cravinas e Goivos, Bolsas-de-pastor e Saxífragas. Havia Rosas de Damasco, Rosas Amarelas, Açafrões lilases e dourados, Violetas roxas e brancas. E, de acordo com a ordem natural dos meses e das estações, floresciam também aquilégias e agriões-dos-prados, manjeronas e manjeriões silvestres, primaveras e flores-de-lis, cravos e narcisos.

Um as flores davam lugar a outras, de modo que não faltavam no jardim coisas agradáveis aos olhos e fragrâncias para cheirar.

O pequeno Hans tinha muitos amigos, mas o mais dedicado de todos era o grande Hugh, o Moleiro. De facto, o rico Moleiro era tão dedicado ao pequeno Hans que nunca passava pelo seu jardim sem se debruçar sobre o muro e colher um grande ramalhete de flores ou uma mão-cheia de ervas aromáticas; ou sem encher os bolsos de ameixas e cerejas, caso fosse a época delas.

— Os verdadeiros amigos devem partilhar tudo — costumava afirmar o Moleiro, e o pequeno Hans fazia que sim com a cabeça e sorria, muito orgulhoso de ter um amigo com ideias tão nobres.

Às vezes, para dizer a verdade, os vizinhos achavam estranho que o rico Moleiro nunca desse nada em troca ao pequeno Hans, ainda que tivesse cem sacos de farinha armazenados no moinho e fosse dono de seis vacas e de um grande rebanho de ovelhas felpudas. Mas estas questões não passavam pela cabeça do pequeno Hans, e nada lhe dava mais prazer do que ouvir o Moleiro proferir belas palavras a propósito do altruísmo da verdadeira amizade.

E tanto assim era que o pequeno Hans continuava a trabalhar no seu jardim. Andava muito feliz na primavera,

no verão e no outono, mas, quando chegava o inverno, não tinha frutos nem flores para ir vender ao mercado. Passava bastante fome e frio, e muitas vezes ia deitar-se tendo por único jantar um punhado de nozes duras e algumas peras secas. O inverno também o fazia sentir-se muito sozinho, já que nessa altura o Moleiro nunca o vinha visitar.

— Não vale a pena ir ter com o pequeno Hans enquanto houver neve — dizia o Moleiro à mulher. — Quando as pessoas estão a passar por um mau bocado, devem ser deixadas em paz, não incomodadas com visitas. Pelo menos, esta é a minha ideia de amizade — e tenho a certeza de ter razão. Vou esperar pela primavera e então irei vê-lo. Ele poderá oferecer-me um cesto cheio de primulas e, com certeza, ficará muito feliz por isso.

— És muito cuidadoso com as outras pessoas — concordava a mulher, sentada no seu confortável cadeirão, em frente da lareira onde ardiam grossas achas de madeira de pinho. — Mesmo cuidadoso! Tenho a certeza de que nem o padre consegue dizer palavras tão bonitas como tu, ainda que more numa casa com três andares e use um anel de ouro no dedo.

— Mas porque é que não convidamos o pequeno Hans a vir até cá? — perguntou o filho mais novo do Moleiro.

— Se está a passar por dificuldades, posso dividir com ele as minhas papas de aveia e mostrar-lhe os meus coelhos brancos.

— Que miúdo tolo me saíste! — exclamou o Moleiro. — Realmente, não vejo a utilidade de te mandar para a escola. Parece que não aprendes nada. Não percebes que se o Hans viesse cá a casa e visse a nossa lareira quente, o nosso rico jantar e o nosso grande barril de vinho tinto, podia ficar invejoso? A inveja é uma coisa terrível, capaz de arruinar o carácter de uma pessoa, e certamente não deixarei que tal aconteça ao pequeno Hans. Sou o melhor amigo dele e compete-me vigiá-lo e assegurar que não caia em tentações. Além disso, se ele cá viesse, ainda me pedia fiado para comprar farinha, e a isso eu não poderia aceder. A farinha é uma coisa e a amizade é outra. Não se devem confundir. Vê-se logo que as palavras se soletram de maneira diferente e têm significados diferentes. Toda a gente percebe isso.

— Mas que bem que falas! — elogiou a mulher do Moleiro, servindo-se de uma grande caneca de cerveja. — Até me sinto ensonada... É exatamente como estar na missa.

— Há muitas pessoas que fazem as coisas como deve ser — concluiu o Moleiro —, mas poucas são as que falam

bem, o que revela que falar é muito mais difícil... e mais importante.

E olhou para o outro lado da mesa, fixando o filho com tamanha rispidez que este baixou a cabeça, corou e começou a chorar, deixando que as lágrimas caíssem no chá. Mas o leitor deve desculpá-lo, tendo em consideração a sua pouca idade.

— A história acaba assim? — perguntou a Ratazana.

— Claro que não — respondeu o Pintarroxo. — Isto é só o princípio.

— Então estás completamente fora de moda — disse a Ratazana. — Hoje em dia, todos os bons autores começam pelo fim. Depois passam para o começo e concluem com o meio. Esse é o novo método. Fiquei a saber disto ao ouvir um crítico que passeava no lago, na companhia de um rapaz. Falava do assunto com toda a profundidade e de certeza que tinha razão, porque era careca e usava uns óculos azuis. Sempre que o rapaz fazia um comentário, ele retorquia: «Bah! O que é que isso interessa?...» Mas continua com a tua história, por favor. Gosto imenso do Moleiro. Eu próprio sou alguém cheio de sentimentos nobres, por isso sinto uma grande empatia por ele.

— Bem — continuou o Pintarroxo, saltitando de uma pata para a outra. — Mal acabou o inverno e as primulas

começaram a abrir a pétalas amarelas, o Moleiro anunciou à mulher que ia visitar o pequeno Hans.

— Oh, tens tão bom coração! — exclamou ela. — Estás sempre a pensar nos outros. Não te esqueças de levar um cesto largo para trazeres flores.

Então, o Moleiro amarrou as velas do moinho com uma forte corrente de ferro e desceu a colina com o cesto debaixo do braço.

— Bom dia, pequeno Hans — saudou ele.

— Bom dia — respondeu o Hans, apoiado na enxada, com um sorriso de orelha a orelha.

— Como é que passaste o inverno? — quis saber o Moleiro.

— Bem, é muito simpático da tua parte perguntares-me — disse o Hans. — Mesmo muito simpático. Confesso que passei um mau bocado, mas, agora que chegou a primavera, sinto-me feliz, e as minhas flores estão a dar-se bem.

— Falámos muitas vezes sobre ti, durante o inverno, e perguntámo-nos como estarias.

— Que simpático da vossa parte. Estava com medo de que se tivessem esquecido de mim.

— Hans, estou admirado contigo. Os amigos nunca se esquecem e isso é maravilhoso, mas temo que não

entendas o que a vida tem de poético. Agora que falo nisso, vejo que as tuas primulas estão muito bonitas!

— Não há dúvida de que estão bonitas, e é uma sorte haver tantas, porque vou levá-las ao mercado e vendê-las à filha do Burgomestre. Com o dinheiro que ganhar, vou comprar outra vez o meu carrinho de mão.

— Comprar outra vez o teu carrinho de mão? Não me digas que o vendeste? Fizeste uma grande asneira!

— Bem, não tive outro remédio senão vendê-lo. Não sei se compreendes, mas passei um inverno péssimo, e nem sequer tinha dinheiro para comprar pão. Por isso, comecei por vender os botões de prata do meu fato domingueiro, depois vendi a minha corrente de prata, e, por fim, vendi o meu carrinho de mão. Mas agora vou recuperá-los.

— Hans — disse o Moleiro —, eu dou-te o meu carrinho de mão. Não está em muito bom estado, e os raios das rodas não funcionam bem, mas, apesar de tudo, eu ofereço-to. Sei que é um ato muito generoso da minha parte e que muitas pessoas acharão uma tolice, mas eu não sou como a maioria das pessoas. Acredito que a generosidade é a essência da amizade e, além disso, já tenho um carrinho de mão novo. Podes ficar em paz com a tua consciência. Eu dou-te o meu velho carrinho de mão.

— Bem, isso é mesmo muito generoso da tua parte — agradeceu o pequeno Hans, e a sua cara redonda e patusca brilhou de contentamento. — Posso facilmente repará-lo, porque tenho uma trave de madeira em casa.

— Uma trave de madeira? — perguntou o Moleiro. — Olha, é mesmo o que eu preciso para o telhado do meu celeiro. Tem um buraco muito grande, e o milho vai humedecer se não o consertar. Que bom teres falado nisso! É extraordinária a forma como uma boa ação leva a outra. Eu dei-te o meu carrinho de mão e tu agora dás-me a tua trave. É claro que o carrinho vale muito mais, mas a verdadeira amizade não quer saber dessas coisas. Por favor, dá-me já a trave, para eu arranjar o meu celeiro ainda hoje.

— Com certeza! — exclamou o pequeno Hans, correndo para o telheiro e arrastando a tábua para fora.

— Não é uma trave muito grande — comentou o Moleiro, ao ver a trave. — Receio bem que depois de ter remendado o telhado não vá sobrar madeira para consertares o carrinho, mas claro que não tenho culpa. E, agora que te fiz a minha oferta, estou certo de que vais querer dar-me algumas flores em troca. Tens aqui o cesto. Vê se consegues enchê-lo bem!

— Enchê-lo bem? — repetiu o pequeno Hans, com tristeza, quando viu o tamanho do cesto e percebeu que

depois não ia ter flores suficientes para vender no mercado. Estava ansioso por recuperar os botões de prata.

— Oh, francamente! — queixou-se o Moleiro. — Visto que te dei o carrinho de mão, pedir-te umas flores não é nada do outro mundo. Posso estar enganado, mas julgava que a amizade, a verdadeira amizade, não admite nenhum tipo de egoísmo.

— Meu querido amigo, meu melhor amigo! — exclamou o pequeno Hans. — Leva do meu jardim todas as flores que quiseres. Os teus sentimentos são muito mais importantes do que os meus botões de prata.

E correu para as suas lindas prímulas, apanhando-as e enchendo o cesto.

— Adeus, pequeno Hans — despediu-se o Moleiro, enquanto subia a colina com a trave ao ombro e o grande cesto na mão.

— Adeus — disse o Hans, e começou a cavar alegremente, satisfeitíssimo com a ideia do carrinho de mão.

No dia seguinte, estava a pendurar umas madressilvas no alpendre quando ouviu a voz do Moleiro a chamar por ele do outro lado da estrada. Saltou da escada, correu pelo jardim fora e espreitou por cima do muro. Lá estava o Moleiro com um grande saco de farinha às costas.

A genialidade de Oscar Wilde continua a fascinar leitores de todas as idades, de todos os tempos.

Oscar Wilde consagrou-se, ainda em vida, um dos mais importantes escritores da língua inglesa no século XIX.

Através das suas histórias cativantes e das mais improváveis personagens, procurava desmascarar vícios e defeitos da sociedade e apresentar questões éticas e morais, sem cair num falso moralismo.

O Amigo Dedicado, *O Príncipe Feliz*, *O Menino-Estrela*, *O Gigante Egoísta*, *O Aniversário da Infanta* e *O Foguete Distinto*, contos aqui reunidos, revelam a subtilidade da inteligência, do humor e da sensibilidade de Oscar Wilde.

«Ler estes contos talvez ajude os leitores mais jovens a compreender valores essenciais que os adultos não sabem ou não têm tempo para explicar. Valores como a amizade, a solidariedade, a coragem, a justiça e a bondade. Depois há o lado lúdico da leitura que nos remete para o humor inimitável de Wilde.»

in Prefácio de Carla Maia de Almeida

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>imagina descobre voa</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-520-9</p> <p>9+</p>  <p>9 789897 075209</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	--